

O TEATRO DO OPRIMIDO NA MODALIDADE ENSINO DE JOVENS E ADULTOS

Rosane Silva de Jesus
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB
rosejesustigre@gmail.com

Nubia Regina Moreira
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB
nrmoreira2@gmail.com

Resumo: Esta comunicação objetiva apresentar reflexões sobre a percepção da Oficina “Teatro do Oprimido” entre estudantes da modalidade Educação de Jovens e Adultos-EJA. Entendemos a escola como o espaço de possibilidade para novas sociabilidades. “A escola é também um lugar de exercício do poder e formas de relações com o poder” (LAHIRE,1997). Inspirados nisto, realizamos em abril de 2016 a oficina “Teatro do Oprimido” em uma escola da rede pública estadual de Vitória da Conquista, Bahia. A mediação ocorreu nas aulas de Sociologia, durante a observação e monitoria do estágio de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB e como parte de uma atividade do projeto “A Sociogênese do Ensino de Sociologia na Bahia” de Iniciação Científica PIC/UESB. Com base no texto a Imaginação Sociológica do autor Wright Mills (1980), instigamos os/as estudantes a pensarem sobre suas trajetórias/ histórias de vida, como ponto de partida para compreender a sociedade. Apresentamos o Teatro do Oprimido, que trabalha temas sociais em que o espectador, torna-se ator e apresenta uma alternativa para o problema encenado. Solicitamos aos estudantes, sugestões de situações do cotidiano, que mostrassem cenas reais de; injustiça social, preconceito no mercado de trabalho, racismo. A partir dos depoimentos dos estudantes, do teatro e sistematização das impressões sobre ele, constatamos a partir da reflexão do texto Imaginação Sociológica, o interesse dos/das estudantes pela sociologia como recurso para compreender os fenômenos sociais e que a oficina possibilitou compartilhar experiências vividas no intuito de instigar um pensamento crítico.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Imaginação Sociológica. Teatro do Oprimido.

Introdução

Este artigo é resultado de uma experiência em sala de aula com estudantes do 3º Tempo Formativo da Educação de Jovens e Adultos (corresponde ao ensino médio)¹. A mediação ocorreu nas aulas de Sociologia, durante o estágio do curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB e como parte de uma atividade do Projeto “A Sociogênese do Ensino de Sociologia na Bahia” de Iniciação Científica PIC/UESB.

A partir da observação participante e da monitoria, juntamente com a turma e a professora regente da disciplina de sociologia, foi realizada uma oficina temática tendo como recurso o Teatro do Oprimido. O objetivo da oficina foi dar voz aos expectadores ao representar situações reais que acontecem no seu cotidiano como; injustiça social, preconceito no mercado de trabalho, racismo e problematizar a discussão com a explanação do texto *Imaginação Sociológica* de Wright Mills (1980). Instigamos os/as estudantes a pensarem sobre suas trajetórias ou história de vida como ponto de partida para compreender a sociedade. Trajetória diz respeito a forma singular do agente percorrer no espaço social mediante tanto as imposições internas ao campo quanto as externas.

Toda trajetória social deve ser compreendida como maneira singular de percorrer o espaço social onde se exprimem as disposições do habitus; cada deslocamento para uma nova posição implica a exclusão de um conjunto mais ou menos vasto de posições substituíveis e, com isso um fechamento irreversível do leque dos possíveis inicialmente compatíveis, marca uma etapa de envelhecimento social que se poderia medir pelo número dessas alternativas decisivas, bifurcações da árvore com incontáveis galhos mortos que representa a história de uma vida. Assim, pode-se substituir a poeira das histórias individuais por famílias de trajetórias intrageracionais no seio do campo da produção cultural (BOURDIEU, 1996, p. 292-293).

Tendo como foco o alcance da sociologia na modalidade EJA, procuramos instigar os/as estudantes sobre a importância da disciplina para a “desnaturalização” e o “estranhamento”. “Há uma tendência sempre recorrente a se explicarem as relações sociais, as instituições, os modos de

¹ ³ Tempos Formativos são cursos de matrícula anual, nos quais as aulas são presenciais e exigem frequência diária. O currículo é organizado em eixos temáticos, temas geradores e áreas de conhecimento. O centro do processo de formação são as experiências de vida e estratégias de sobrevivência dos sujeitos jovens, adultos e idosos. O curso total é composto de três (03) segmentos distribuídos ao longo de sete (07) anos: O 1º Tempo Formativo (equivale ao 1º segmento da educação fundamental); O 2º Tempo Formativo (equivale ao 2º segmento da educação fundamental)
O 3º Tempo Formativo (equivale ao ensino médio).

vida, as ações humanas, coletivas ou individuais, a estrutura social, a organização política, etc. com argumentos naturalizadores² (BRASIL, 2013, p. 106). Mobilizar os/as estudantes a desconstrução de posições arraigadas, desestabilizá-los de suas convicções comuns, é um desafio, mas, ao mesmo tempo, é um exercício que os jovens e adultos que retornam à escola, acrescentam positivamente, por ter já acumulado significativas experiências e aprendizagens no âmbito pessoal e profissional.

No primeiro tópico, trataremos de discutir a escola como espaço de ação e ressignificação dos saberes, no segundo falaremos sobre o Teatro do Oprimido e finalizaremos com o relato da experiência e os resultados alcançados com a oficina.

A escola como campo de ação e ressignificação dos saberes

A escola é o espaço das possibilidades de desenvolvimento de novas sociabilidades, nela também, se produz e reproduz valores, sentidos e acima de tudo, é nesse espaço, que podemos promover transformações sociais. De acordo com Lahire, (1997. p.59), “a escola não é um simples lugar de aprendizagem de saberes, mas sim, e ao mesmo tempo, um lugar de aprendizagem de formas de exercício do poder e de relações com o poder”. As pessoas que tiveram o seu direito à escolarização negado na idade considerada “apropriada”, e, que têm a possibilidade de retomar os estudos pela modalidade EJA, têm requerido a escola, como também, uma possibilidade de mobilidade social.

De acordo com a LDBEN, em seu *Art. 37 A Educação de Jovens e Adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no Ensino Fundamental e Médio na idade própria*, (BRASIL, 2013, p, 347). Como sujeitos de direitos, o seu direito à educação foi assegurado e como professores, precisamos pensar metodologias de ensino que atendam às suas necessidades educativas. Pois, se trata de uma modalidade que envolve uma diversidade de pessoas, com trajetórias pessoais, profissionais e escolares distintas, bem como, ricas em experiências de mundo, que relacionadas aos saberes escolares, contribuem para uma

² ⁴ Efeito de naturalização: fazer parecerem naturais certas construções sociais; por exemplo: a dominação masculina fundamentada em uma possível superioridade biológica (BRASIL, 2013, p. 106).

aprendizagem mais autônoma. Verifica-se, ainda, a ausência de um modelo específico de ensino da EJA, bem como, a necessidade de instrumentalização profissional para o ensino de Sociologia, no campo da EJA, bem como, nos cursos de formação de licenciaturas.

Os/as estudantes da EJA não estão buscando a escolarização apenas para uma certificação para o trabalho, eles/elas têm sonhos, projetos de vida para o presente e futuro. Como propor metodologias de ensino efetivas para esses sujeitos? De tal modo, a organização dos conteúdos, os métodos de ensino e os procedimentos de avaliação são imprescindíveis. Como indica as Diretrizes Nacionais para a Educação Básica (2013):

O planejamento educacional, assim como o currículo e a avaliação na escola, enquanto componentes da organização do trabalho pedagógico, estão circunscritos fortemente a esse caráter de não neutralidade, de ação intencional condicionada pela subjetividade dos envolvidos, marcados, enfim, pelas distintas visões de mundo dos diferentes atores do processo educativo escolar. Desse modo, o trabalho pedagógico define-se em sua complexidade, e não se submete plenamente ao controle. No entanto, isso não se constitui em limite ou problema, mas indica que se está diante da riqueza do processo de formação humana, e diante, também, dos desafios que a constituição dessa formação, sempre histórica, impõe (BRASIL, 2013, p. 180).

Com base nisso, ressalta-se a importância de um currículo mais apropriado para o público da EJA, que corresponda às suas necessidades de aprendizagens, sem que os conteúdos sejam negligenciados. Outra questão, é a cultura de um ensino voltado para crianças e adolescente, que ainda é muito forte, enquanto que, um modelo de ensino específico para a EJA, precisa ser pensado e aprofundado. “Nesse sentido, deve ser levado em conta o que os/as estudantes já sabem, o que eles gostariam de aprender e o que se considera que precisam aprender” (BRASIL, 2013, p. 181).

Conforme, Di Pierro (2015, p. 251) “[...] os maus resultados de aprendizagem, as nossas altas taxas de abandono e os baixos níveis de conclusão tem pouca visibilidade pública e pouca exigibilidade social sobre a qualidade da EJA”. Há uma tendência de se propor um ensino menos “rígido”, mais leve, mais simplificado e abreviado, porque ainda não há um monitoramento da qualidade da EJA.

Sabemos que o ensino deve possibilitar aos/às estudantes a ampliação do repertório para que eles/elas possam disputar as oportunidades tanto educacionais quanto profissionais. A escola é o espaço que privilegia aqueles/as que têm melhor desempenho escolar, porque é o espaço por excelência, da abstração, do “código elaborado”³. Como afirma Bernstein, sobre a localização e distribuição dos códigos,

Quanto mais simples a divisão social do trabalho e quanto mais específica e local a relação entre um agente e sua base material, mais direta será a relação entre os significados e uma base material específica e maior será a probabilidade de um código restrito. Quanto mais complexa a divisão social do trabalho e quanto menos específica e local a relação entre um agente e sua base material, mais indireta será a relação entre os significados e uma base material específica e maior será a probabilidade de um código elaborado (BERNSTEIN, 1990. p.154).

Quanto mais amplo o repertório cultural dos/das estudantes, maior será a probabilidade de se inserirem, independentes do contexto, menos particularistas e locais.

A escola como campo de ação que nos possibilita o conhecimento empírico da formação acadêmica, são estabelecidas as relações de poder, como também, acontecem as ressignificações de saberes. A instituição a qual realizamos a oficina, é considerada de pequeno porte, situa-se na zona Oeste de Vitória da Conquista - BA⁴, bairro residencial, que recebe jovens e adultos estudantes de vários bairros do entorno. Possui uma estrutura física arejada, as salas de aula são amplas, porém, não possuem equipamentos de áudio visuais. Há uma sala com data show, notebook e aparelho de som, que podem ser utilizados, como também, a biblioteca da escola que é razoavelmente bem equipada.

A observação participante possibilitou perceber a dinâmica da turma e estabelecer um vínculo de confiança com os/as estudantes. Percebemos que eles/elas eram muito interessados/as, participativos/as e disciplinados/as, preferiam se reunir em pequenos grupos, isso, não prejudicava a aula e nem a convivência com os demais.

A maioria são trabalhadores e trabalhadoras, um grande contingente desenvolve atividades informais, em particular as mulheres. Os homens, majoritariamente são empregados no

³ ⁵ Segundo Bernstein, (1990, p.136) “códigos restritos, em termos de significados particularistas, locais, dependentes do contexto e, no caso dos códigos elaborados, em termos de significados universalistas, menos locais, mais independentes do contexto”.

⁴ ⁶ Vitória da Conquista é uma cidade localizada no Sudoeste da Bahia.

comércio local. Durante a observação, necessitamos conhecer melhor o perfil dos/das estudantes da EJA nessa escola, conversamos com a professora regente e sugerimos um questionário sócio - econômico semiestruturado composto de questões abertas e fechadas como; faixa etária, sexo, raça/etnia, estado civil, características familiares (se tem ou não filhos, com quem mora), situação sócio - econômica, motivação para o estudo, qual parte da cidade mora, se pertenceu a alguma comunidade (indígena, Quilombola, rural), religião, tempo de escolaridade dos pais/mães, ocupação e profissionalização, opinião sobre a qualidade do ensino, disposições sociais e orientações políticas, (anexo questionário).

Os/as estudantes da EJA nessa instituição, possuem um perfil bastante diverso, mas, características comuns, quanto à origem social, herança escolar familiar e experiência profissional. Seus percursos escolares geralmente apresentam fluxos fortemente desiguais por intermitências e interrupções por múltiplos motivos, extraescolares e escolares⁵. No que concerne à escolarização dos pais é muito baixo, porém, as mães em sua maioria não tiveram acesso ou não terminaram o ensino médio, (anexo tabela com perfil dos/das estudantes).

Percebe-se que as mulheres em particular, vêm buscando a escolarização tardiamente e, mesmo tendo suas possibilidades diminuídas, principalmente, devido às funções e tarefas historicamente e simbolicamente atribuídas a elas. De acordo com Scalon (2009, p. 67) “[...] as mulheres, diferentemente dos homens, estão sujeitas a dois tipos de dependência: a do mercado e a da família, e isto têm impacto sobre a sua autonomia e a forma como organizam suas ações”. Ainda assim, elas se forjam como estudantes, seja, pela necessidade de concorrer no mercado de trabalho ou para prosseguir nos estudos.

Esse momento foi muito profícuo para minha formação acadêmica, ao adentrar à escola, estabeleci uma relação de confiança com os/as estudantes. Observar e desenvolver atividades em uma modalidade EJA é preciso algumas especificidades, como, o respeito geracional, raça/etnia, pois se trata de um público heterogêneo, com saberes e práticas já cristalizados. Evidenciar as culturas dos/das estudantes e respeitar os diferentes estágios de aprendizagens, foi fundamental para que a turma se sentisse acolhida, respeitada e valorizada nas suas potencialidades.

⁵ ⁷ Motivos extraescolares, como a pobreza e o ingresso precoce no mercado de trabalho, e o abandono da escola por fatores escolares, ou seja, devido a uma trajetória escolar marcada pelo fracasso, com reprovações sucessivas, o que acaba desestimulando-os e levando-os, então, a abandonar a escola.

Nas observações das aulas de Sociologia, os/as estudantes foram muito receptivos/as comigo. Me indagavam sobre a graduação em Ciências Sociais e se sentiram muito valorizados/as pela a minha escolha e interesse em estagiar e desenvolver atividades do projeto de iniciação científica em uma turma da modalidade EJA. Ao final da experiência pude vivenciar muita generosidade e compreensão por dos/das estudantes. Esse momento me possibilitou, estabelecer vínculos, troca de experiências e principalmente o respeito às diversidades.

Essa etapa da graduação requer maturidade e humildade por parte do graduando/a, pois, ao adentrar a sala de aula, irá se deparar com a realidade da escola pública e descobrirá que terá limites, mas também, possibilidades na prática docente. Além do embasamento teórico metodológico, a alteridade, por parte do estagiário/a é fundamental para que a experiência seja profícua para todos envolvidos nesse processo, os/as estudantes, a professora regente, a escola e o estagiário (a).

Um dos frutos dessa experiência foi perceber que os/as estudantes ficavam muito entusiasmados/as e participativos/as, quando acontecia uma atividade diferenciada na sala de aula, como também, a diferença geracional, não era um impedimento a interação entre eles/as.

Pelo fato dos/das estudantes optarem em formar pequenos grupos, isso nos favoreceu viabilizar algumas atividades diversificadas, como discussão de temas em grupo, apresentação de slides, músicas e o teatro. Diante das inúmeras possibilidades apresentadas pelo campo, vamos nos ater apenas ao relato da experiência com a temática imaginação sociológica e o teatro do oprimido em que foram problematizados temas que mostrassem situações reais vivenciadas pelos estudantes, como; injustiça social, preconceito no mercado de trabalho e racismo ⁶.

Caracterização do Teatro do Oprimido

O Teatro do Oprimido é uma metodologia criada por Augusto Boal nos anos 1970, inicialmente na cidade de São Paulo. Nessa época o Brasil passava por um período de ditadura militar e os cidadãos tinham suas as liberdades políticas e artísticas tolhidas se discordassem do

⁶ ⁸ Embora ter enfatizado no tema preconceito no mercado de trabalho durante a oficina teatro do oprimido foi muito evidenciada a questão da classe, raça/etnia e gênero, quando os/as estudantes, tocaram várias vezes sobre a violência contra a mulher e do machismo presente em nossa sociedade.

regime ditatorial. Foi nesse momento que Boal passa a utilizar o teatro como ferramenta de trabalho político, para denunciar as opressões contra os trabalhadores e a censura imposta à imprensa e aos artistas (SILVA, 2014).

Boal tentou romper com o TO, com a tradição teatral que tem o espectador representado pelo protagonista e, embora outras vertentes, como a marxista, voltada para as questões sociais, não rompeu com um espectador que transpõe essa identificação. É só com o TO que essa separação é abolida o teatro reencontra as suas origens, trazendo de volta as pessoas presentes no espetáculo como parte do mesmo e possibilitando que todas elas sejam portadoras do poder de intervenção e do destino das cenas que assistem e participam (SILVA, 2014, p, 27). No Teatro do Oprimido a barreira entre palco e plateia é desconstruída e é implementado uma espécie de diálogo. No confronto, o oprimido fracassa e o público é estimulado, pelo Curinga⁷ (facilitador), a entrar em cena, substituir o protagonista (o oprimido) e buscar alternativas para o problema encenado. Essa técnica também estimula a criatividade do expectador /ator geradas pelas emoções das situações encenadas. São criadas estratégias de enfrentamento do conflito.

Augusto Boal foi teatrólogo, diretor, dramaturgo e ensaísta, ele viveu em vários países, estudou teatro em Nova York no início dos anos 1950 onde teve contato com o método de teatro criado pelo russo Stanislavski. “De volta ao Brasil em 1955, estreou no ano seguinte com a peça *Homens e Ratos*. Na década de 1970 dirigiu o famoso espetáculo *Opinião*, um marco na luta contra o regime ditatorial que estava no poder” (SILVA, 2014, p, 27). O TO acrescenta seis técnicas que Boal desenvolveu de acordo as necessidades pedagógicas de cada país onde ele morou.

No seu exílio forçado na Argentina, ele cria a técnica do Teatro Invisível, ideia originada com o irlandês Sean Wellesley-Miller, Consiste em atores e atrizes atuarem no meio do público de forma a ativar as reações da audiência com comentários e perguntas feitos de uma maneira que pareçam vindos de pessoas que estão assistindo ao espetáculo. No Chile, ele começa a trabalhar com indígenas no México, Colômbia, Venezuela e Peru, surge a necessidade de trabalhar com a linguagem corporal, nasce o Teatro de Imagem.

Desenvolve a técnica teatral no Peru, o Teatro Fórum, em que o *expect-ator* torna-se um participante, com a ditadura no Chile, ele muda-se para Lisboa, depois Paris, onde desenvolveu a

⁷ ⁹ o facilitador do Teatro do Oprimido, que faz a mediação entre a plateia e o palco.

técnica do *Arco íris do Desejo*, que permite trabalhar traumas internos por meio de psicodramas. Quando volta ao Brasil em 1980, ele desenvolve o Teatro Legislativo, devido a sua inserção na política e a necessidade de manter o diálogo com o povo. Encerra-se suas reflexões com o estudo da *Estética do Oprimido*, em oposição ao consumo exagerado tão propagado na atualidade.

Ele também criou O Centro Teatro do Oprimido (C.T.O.), do Rio de Janeiro-Brasil. Uma associação sócio - cultural, que implementa projetos artísticos que estimulam a participação ativa das camadas menos privilegiadas da sociedade, visando à democratização dos meios de produção cultural, ao fortalecimento da cidadania e à transformação da realidade, através do Teatro do Oprimido (DALL'ORTO, 2008).

Relato da experiência e os resultados alcançados com a oficina

A oficina Teatro do Oprimido ocorreu em abril de 2016 juntamente com os/as estudantes do 3º Tempo Formativo da EJA (corresponde ao ensino médio), em uma escola regular estadual da zona oeste de Vitória da Conquista, Bahia. A iniciativa em trabalhar com a técnica do Teatro do Oprimido partiu de minha necessidade em discutir temas sociais, como injustiça social, preconceito no mercado de trabalho, racismo, de forma que os/as estudantes participassem ativamente da aula e relacionassem os temas a partir de suas experiências pessoais e profissionais.

A oficina teve duração de três aulas de 45min cada. Envolveu vinte e um estudantes, uma mediadora (estagiária), a professora regente e a professora orientadora de estágio. A atividade foi desenvolvida durante a observação participante e monitoria do curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB e como parte de uma atividade do projeto “A Sociogênese do Ensino de Sociologia na Bahia” de Iniciação Científica PIC/UESB.

A partir da explanação sobre o que é Imaginação Sociológica tendo como referência Wright Mills (1980), instigamos os/as estudantes a pensarem sobre suas trajetórias como ponto de partida para compreender a sociedade.

Imaginação sociológica capacita seu possuidor a compreender o cenário histórico mais amplo, em termos de seu significado para a vida íntima e para a carreira

exterior de numerosos indivíduos. Permite-lhe levar em conta como os indivíduos, na agitação de sua experiência diária, adquirem frequentemente uma consciência falsa de suas posições sociais. Dentro dessa agitação, busca-se a estrutura da sociedade moderna, e dentro dessa estrutura são formuladas as psicologias de diferentes homens e mulheres. Através disso, a ansiedade pessoal dos indivíduos é focalizada sobre fatos explícitos e a indiferença do público se transforma em participação nas questões públicas (MILLS, 1980, p. 11-12).

Instigar os/as estudantes a compreensão sobre sua história de vida, sobre sua biografia dentro da sociedade, é também um dos objetivos do ensino da sociologia para os jovens e adultos na EJA. De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação “Um papel central que o pensamento sociológico realiza é a *desnaturalização* das concepções ou explicações dos fenômenos sociais”. Porém, “[...] só é possível tomar certos fenômenos como objeto da Sociologia na medida em que sejam submetidos a um processo de estranhamento ...” Brasil (2013, p. 105-106). Escolhemos alguns problemas que nos parecem individuais, mas que são coletivos, são públicos como; política, corrupção e desemprego, a partir de algumas charges (em anexo), para serem analisados com os/as estudantes a partir do texto. Em seguida, apresentamos a técnica do Teatro do Oprimido.

Etapas da oficina:

No primeiro momento foi apresentada a técnica Teatro do Oprimido aos/às estudantes, que encena situações que fazem parte da realidade dos participantes, em que expectadores/as passam a ser atores/atrizes. Solicitamos à turma, sugestões de temas que mostrassem situações da vida real, que acontecem no cotidiano; como injustiça social, preconceito no mercado de trabalho, racismo, para ser debatido, de forma que eles/elas externassem de que forma poderiam combater tal situação. O tema escolhido pelos/as estudantes foi *preconceito no mercado de trabalho*.

No segundo momento, realizamos o teatro e discutimos a partir da Imaginação sociológica (Mills 1980) de forma mais ampla sobre os depoimentos dos estudantes. Eles/elas relataram situações que haviam presenciado e escolheram duas situações que encenamos e criamos possibilidades de resolução do impasse relatado.

A primeira situação foi a cena de uma trabalhadora que trabalha há bastante tempo em uma empresa e se encontra grávida e, é demitida sem justa causa. Nesse momento, quando um

participante se propôs a resolver o impasse, foi evidenciada a relação de gênero presente no ambiente de trabalho, reconhecendo que as mulheres, diferentemente dos homens, ainda são discriminadas e suas possibilidades de ascensão social são diminuídas pelas relações de desigualdades entre homens e mulheres que são constituídas nesses ambientes.

De acordo com Louro (1994, p, 35) “há diferentes construções de gênero numa mesma sociedade e em contextos históricos diferentes, ou seja, o gênero tem história e o feminino e o masculino se transformam histórica e socialmente”. A discussão em grupo foi muito favorável, pois os/as estudantes começaram a questionar práticas da nossa sociedade que são produzidas e reproduzidas como naturais. Os estudantes citaram por exemplo, a violência contra a mulher e o machismo. Discutimos a questão da classe social, raça/etnia e gênero, e com as nossas intervenções buscávamos problematizar, que essas relações não são *naturais* e sim *construídas socialmente*. No caso da sociedade brasileira, em que é historicamente marcada pelo predomínio patriarcal, essa relação desigual de poder entre homens e mulheres precisa ser transformada (CAMARGO, 2012).

A nossa intervenção se fez necessária, ao refletir com a turma à luz da leitura sobre desigualdade, demonstrando que as relações de gênero aqui apresentadas nos papéis, de homens e mulheres, informa a maneira como os gêneros são assimetricamente tratados na sociedade. As relações de gênero são produzidas e reproduzidas, tanto na família, no ambiente escolar, bem como na sociedade. E, que, os problemas sociais como, o preconceito e o racismo, são frutos de uma construção social. Como afirma Scalon (2009) “Sabemos que a desigualdade não é um fato natural, mas sim uma construção social”. Suas origens são tão variadas quanto suas manifestações. Focalizando a realidade escolar, o próprio princípio de “igualdade” e de que a educação é direito de todos e dever do Estado, já se constitui um fator de desigualdade, pois, tenta homogeneizar uma população constituída por uma diversidade de homens e mulheres, com trajetórias e oportunidades diferentes.

Atualmente, as mulheres vivenciam situações de desigualdade de gênero, tanto no ambiente doméstico, como no ambiente de trabalho, e, a escolarização das mulheres tem sido uma das condições favorecedoras para transformação dessas relações, (CAMARGO 2012, apud ROSEMBERG, 2001). Ao evidenciarem a questão de gênero presente na sociedade, os/as

estudantes levantaram várias outras situações de discriminação decorrentes no ambiente de trabalho que poderiam ser problematizadas, porém, tivemos que escolher juntamente com eles/elas, para que déssemos conta de discutir durante a oficina. A segunda cena foi a situação em que um idoso, não foi admitido em uma empresa, mesmo tendo as qualificações exigidas no processo seletivo. Essa discussão levou o grupo a repensar várias práticas discriminatórias por parte da classe, do gênero e da raça/etnia.

Ao final, constatamos que a partir da reflexão do texto *Imaginação Sociológica*, foi despertado em muitos/as o desejo de conhecer mais a respeito da sociologia como recurso para compreender os fenômenos sociais e que a oficina possibilitou um ambiente favorável para que os/as estudantes pudessem expressar suas opiniões e dúvidas, bem como, um espaço para realização de debates e construção de conhecimento coletivo, a partir de situações que acontecem no cotidiano e que podem ser problematizados.

Considerações finais

Instigamos os/as estudantes a pensar sobre sua história de vida, sua trajetória, buscando perceber e sentir no que a sociologia pode ajudá-los/las, em termos de compreensão da sua vida pessoal em relação à vida social. Ao solicitar aos estudantes que explanassem sobre quais são os principais sofrimentos vividos por eles/elas, externaram que começaram a compreender que a sociologia tem uma aplicabilidade prática nas suas vivências, pois muitos deles/delas comentaram que entendiam a sociologia a partir de um olhar mais voltado para a história.

Na modalidade EJA essa situação, é ainda mais preocupante, pois em nossa realidade local não encontramos professores instrumentalizados na área da sociologia. E, a disciplina é ministrada pela mesma professora de Filosofia ou de outras áreas afins. Muitas vezes acabam privilegiando uma disciplina em detrimento de outra, no caso da sociologia em relação à História ou a Filosofia. O próprio material didático é organizado por áreas do conhecimento, no caso das Ciências Humanas, inclui as disciplinas de Sociologia, Filosofia, História e Geografia, ainda que são indicados os conteúdos de cada disciplina, podem ser trabalhados de forma interdisciplinar, (VÁRIOS AUTORES, p. 3, 2013).

Aproximar a sociologia dos/das estudantes foi um desafio, uma vez que eles/elas ainda não tinham percebido a importância da disciplina e de como o saber sociológico pode ser aplicado nas diversas situações do cotidiano. Não foi tarefa fácil, necessitou-se um período de amadurecimento dos/das mesmos (as) com a sociologia e para a mediação foi necessário, “fazer recortes, escolhas, delimitações de conteúdos e teorias”⁸. Talvez, pelo fato, do campo das ciências sociais no nosso município, assim como na realidade nacional, ainda não ter alcançado uma tradição, e particularmente nessa escola, percebemos que a sociologia está à margem da grade curricular, como também acontece no ensino regular.

Referências

LAHIRE, Bernard. **Sucesso Escolar nos Meios Populares**. São Paulo: Ática, 1997.

BERNSTEIN, Basil. **A Estruturação do Discurso Pedagógico**. Rio de Janeiro: Vozes, 1990.

MILLS, C. Wright. **A Imaginação Sociológica**. 5.^a ed. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro, Zahar, 1980.

SCALON, Celi; Araújo, Clara; Marques, Eduardo; Oliveira, Maria Aparecida. **Ensaio de estratificações**. (col.). Belo Horizonte: Argumentvm, 2009.

DALL'ORTO, Felipe, Campo. **O TEATRO DO OPRIMIDO NA FORMAÇÃO DA CIDADANIA**. Fênix – Revista de História e Estudos Culturais, Abril/ Maio/ Junho de 2008 Vol. 5 Ano V nº 2. Disponível em: www.revistafenix.pro.br

SILVA, Flávio José Rocha da. **Uma História do Teatro do Oprimido**. Aurora: revista de arte, mídia e política, São Paulo, v.7, n.19, p. 23-38, fev-mai.2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/viewFile/17313/14298>

LOURO, Guacira Lopes. **Uma Leitura da História da Educação sob a Perspectiva do Gênero**. Revista PUC São Paulo. V.11. 1994.

⁸ Conferir sobre a reflexão de Ileizi Luciana Fiorelli Silva em Fundamentos Sociológicos da Educação. Sobre a educação, a busca de subsídios para o ensino e para as lides pedagógicas. Disponível em: <http://www.uel.br/grupo-estudo/gaes/pages/arquivos/Ileizi>.

CAMARGO, Janira Siqueira. A Mulher nos Documentos da Educação de Jovens e Adultos e Adultas. Revista *Ártemis*, v. 14, Ago/dez, 2012. pp. 155-163

DI PIERRO, Maria Clara. **Educação de Jovens e Adultos no Brasil** - Uma entrevista com a professora Maria Clara Di Pierro. [Entrevista realizada em 15 de maio de 2015]. Revista *PerCursos*. Florianópolis, v. 16, n.31, p. 245 - 255, maio/ago. 2015. Entrevistadora: Rita de Cássia Pacheco Gonçalves.

BRASIL. **Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica**. Brasília, 2013. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13448-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=30192. Acesso em 11 de agosto de 2017.

_____. Ministério da Educação. **Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**.v.3 Brasília,2006. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_03_internet.pdf.

Acesso em 11 de agosto de 2017.

VÁRIOS Autores. **Tempo, Espaço e Cultura: Ciências Humanas: Ensino Médio: Educação de Jovens e Adultos**. São Paulo: Global, 2013.

BOURDIEU, Pierre. **As Regras da Arte: gênese e estrutura do campo literário**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

Anexos

Anexo 1

Primeira encenação do teatro do oprimido

(Encenação de uma trabalhadora comunicando ao empregador que está grávida, e, é demitida sem justa causa)





Exposição de slides sobre O que é Imaginação Sociológica (Mills, 1980)

Anexo 2

Questionário semi-estruturado

1. PERFIL

1.2. Idade: _____anos

1.3. Qual sua etnia/cor:

() Branca () Preta () Amarela () Parda () Indígena

1.4. Qual o seu estado civil:

() Solteira () Casada () União Estável () Separação legal (judicial ou divórcio) () outro

1.5. Caso possua filhos menores de 6 anos, quantos são?

() Um () dois () três () quatro () maiores de 6 anos () não possuo filhos

1.6. Você nasceu em Vitória da Conquista () sim () não

1.7. Você pertence ou pertenceu a:

Zona rural Zona urbana Comunidade indígena Comunidade quilombola

1.8. Qual parte da cidade você mora

Zona Oeste Leste

1.9. Em relação à moradia.

Mora em casa própria sim Não

A região Oeste tem como principais vias as avenidas Alagoas, Pará e a Avenida Brumado (BA 262). BR 116 (Avenida da Integração no perímetro urbano).
A Região Leste tem entre as principais vias as avenidas Régis Pacheco, Lauro de Freitas até a Olivia Flores.

2. Religião:

Ateu Agnóstico Católico Espírita Evangélico-histórico
 Evangélico-

pentecostal Evangélico neopentecostal Candomblecista Umbandista Judeu Outra, qual? _____.

2.1. Religião. Você é praticante, ou seja, frequenta regularmente cultos religiosos?

Sim ou Não

3. Qual a renda familiar?

Até 02 salários mínimos. de 02 até 04 salários mínimos. Superior a 05 salários mínimos.

3.1. Quantos veículos você possui?

Um Nenhum dois Três ou mais

3.2. Possui computador com acesso à internet?

- não possuo computador
- possuo apenas um sem acesso à internet
- possuo apenas um com acesso à internet
- possuo computador e Wifi
- possuo computador, tablete e celular com wifi

4. Orientação sexual

Heterossexual Não heterossexual

5. Tempo de escolaridade da família:

Mãe

Não frequentou a escola Ensino Fundamental completo Ensino Fundamental incompleto Ensino Médio completo Ensino Médio incompleto Ensino Superior completo Ensino Superior incompleto. _____

Pai

Não frequentou a escola Ensino Fundamental completo Ensino Fundamental incompleto Ensino Médio completo Ensino Médio incompleto Ensino Superior completo Ensino Superior incompleto. Outra resposta _____

Outra pessoa que foi responsável por você

Quem _____ Não frequentou a escola Ensino Fundamental completo Ensino Fundamental incompleto. Outra resposta _____

Ensino Médio completo Ensino Médio incompleto Ensino Superior completo

Ensino Superior incompleto. Outra resposta _____

Educação e ocupação

6.1. Atualmente você está trabalhando? (escolha apenas uma alternativa).

Sim

Não, por opção,

Não, porque estou desempregado.

6.2 Especificidade da ocupação:

Autônomo

Com Carteira de Trabalho e Previdência Social – CTPS assinada

Sem assinatura da CTPS

Empreendedor individual

6.3 Caso esteja trabalhando, qual atividade você realiza?

6.4 Caso você esteja trabalhando, quantas horas semanais você trabalha?

Sem jornada fixa, até 10 horas semanais.

De 11 a 20 horas semanais.

De 21 a 30 horas semanais.

- De 31 a 40 horas semanais.
- Mais de 40 horas semanais

6.5 Com que idade você começou a trabalhar? (Marque apenas uma resposta)

- Antes dos 14 anos.
- Entre 14 e 16 anos.
- Entre 17 e 18 anos.
- Após 18 anos.

6.6. O fato de estudar: (escolha apenas uma alternativa)

- Ajuda no trabalho
- Atrapalha no trabalho
- É indiferente
- Outra resposta _____

1.17. Quais os aspectos negativos de estudar e trabalhar ao mesmo tempo?

6.7. O que o estudo traz para sua vida profissional?

Ideias acerca da qualidade do ensino na Educação Básica

7.1 Para você, qual seria a **PRINCIPAL MUDANÇA** para melhorar a qualidade do ensino médio na escola pública. Considerar a resposta que melhor expressar a sua ideia sobre qualidade do ensino médio.

- Um ensino que seja significativo para a formação humana e profissional do aluno
- Uso de tecnologias com propósito pedagógico
- Garantir professores preparados e atuantes em sala de aula
- Melhoria na infraestrutura da escola
- Diversificar o formato do modelo de educação para que tenha um currículo mais atrativo.
- Preparar para o mercado de trabalho

7.2. Ordene na lista abaixo quais seriam atualmente as maiores dificuldades na educação básica. Enumere de 1 a 8 a maior dificuldade.

() Desinteresse dos alunos do ensino médio nas disciplinas. Cite algumas:

- _____
- () Número limitado de períodos/ carga horária insuficiente
() Desconexão e falta de integração entre as disciplinas e o contexto atual
() Falta de formação específica dos professores em áreas específicas às quais exercem a docência
() Ausência de recursos digitais e novas metodologias nas aulas
() Resistência dos alunos do ensino médio ao formato de aulas oferecidas
() Outras quais _____

8. DISPOSIÇÕES SOCIAIS E ORIENTAÇÕES POLÍTICAS

Com qual frequência você acompanha (lê, assiste, ouve) notícias sobre assuntos políticos? Sempre (), Às vezes (), Nunca (). Quais outros assuntos lhe despertam interesse? _____

8.1. Em uma escala, como você se posiciona sobre a afirmação “**peças do mesmo sexo têm direito de constituir família**” você:

- () Discordo totalmente () Concordo parcialmente () Nem concordo, nem discordo
() Concordo totalmente () Discordo parcialmente Outra
resposta _____

8.2. Como você se posiciona sobre a afirmação “**todas as peças devem ter garantidas a liberdade de expressão e de manifestação**” você:

- () Discordo totalmente () Concordo parcialmente () Nem concordo, nem discordo
() Concordo totalmente () Discordo parcialmente Outra _____

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Caro participante,

Gostaríamos de convidá-la a participar como voluntária da pesquisa intitulada “A TRAJETÓRIA DE ESCOLARIZAÇÃO DAS ESTUDANTES INSERIDAS NA MODALIDADE DE JOVENS ADULTOS - EJA” que está sendo desenvolvido (**Programa de Iniciação Científica da UESB – PIC/UESB**). Informamos que sua participação é voluntária e anônima. Não haverá riscos de sua participação neste estudo; não estão previstos ressarcimentos ou indenizações; não haverá benefícios imediatos na sua participação. Os resultados deste estudo contribuirão sim para ampliar as reflexões e os avanços científicos

no campo da educação básica.

SIM(), eu li e compreendi este termo, portanto, eu concordo em dar meu consentimento para participar como voluntário (a) desta pesquisa.

Assinatura

Anexo 3

Charges trabalhadas na oficina





Anexo 4

Quadro com o perfil das estudantes da EJA

NOME	IDADE	RELIGIÃO	OCUPAÇÃO	CTPS assinada	NÍVEL DE RENDA	ESCOLARID ADE DA MÃE	ESCOLARID ADE DO PAI
MARIA	19	Evangélico- pentecostal	Babá	NÃO	Até 1 salário mínimo federal	Ensino fundamental incompleto	Ensino fundamental incompleto
CLEIDIA NE	20	Evangélico- pentecostal	Não trabalha	NÃO	Até 1 salário mínimo federal	Ensino fundamental incompleto	Não frequentou a escola
EUGÊNIA	21	Católica não praticante	Vendedora	SIM	Até 1 salário mínimo federal	Não frequentou a escola	Ensino médio incompleto
ADRIANA	21	Evangélico- pentecostal	Não trabalha	NÃO	Até 1 salário mínimo federal	Ensino fundamental incompleto	Não frequentou a escola
DANIELA	22	Católica	Prestadora de serviço	SIM	2 a 3 salários mínimos	Ensino fundamental incompleto	Ensino fundamental incompleto
VANESSA	22	Evangélica	Vendedora	SIM	Até 1 salário mínimo federal	Ensino médio incompleto	Ensino superior completo
JUSSIVANIA	22	Católica	Faxineira	SIM	Até 1 salário mínimo federal	Ensino fundamental incompleto	Não frequentou a escola

JULIANA	24	Católica	Manicure	NÃO	Até 1 salário mínimo federal	Ensino fundamental incompleto	Ensino fundamental incompleto
SAMIRA	24	Evangélico- pentecostal	Vendedora	SIM	2 a 3 salários mínimos	Ensino Médio Completo	Não informou
FABIANA	25	Cristã não praticante	Não trabalha	NÃO	Até 1 salário mínimo federal	Não frequentou a escola	Não frequentou a escola
EDINILZ A	26	Católica não praticante	Técnica em enfermagem	NÃO	Até 1 salário mínimo federal	Ensino fundamental incompleto	Ensino fundamental incompleto
SILVANA	27	Católica Praticante	Autônoma	NÃO	Até 1 salário mínimo federal	Não informou	Não informou
ANTÔNIO A	29	Católica Praticante	Diarista	NÃO	Até 1 salário mínimo federal	Ensino fundamental incompleto	Ensino fundamental incompleto
CLEIDE	30	Católica não praticante	Represent. de Produtos de Beleza e utensílios	SIM	Até 1 salário mínimo federal	Ensino fundamental incompleto	Ensino fundamental incompleto
LILIANE	33	Evangélico- pentecostal	Não trabalha	NÃO	2 a 3 salários mínimos	Não frequentou a escola	Não frequentou a escola
VALDIN	35	Não	Autônoma	NÃO	Até 1	Ensino	Ensino

ÉLIA		pertence a nenhuma			salário mínimo federal	fundamental completo	fundamental completo
JOSÉLIA	38	Católica	Cuidadora de idoso	NÃO	Até 1 salário mínimo federal	Não frequentou a escola	Não frequentou a escola
ZELIA	46	Católica	Não informou	SIM	2 a 3 salários mínimos	Não frequentou a escola	Ensino fundamental completo
ADAILDE	55	Evangélico neopentecostal	Costureira	NÃO	Até 1 salário mínimo federal	Não frequentou a escola	Não frequentou a escola
				63% possui CTPS assinada	79% possui renda mensal	Ensino fundamental incompleto	Ensino fundamental incompleto

RESULTADOS:

Faixa etária: 19 a 55 anos:

26% entre os 30 e 46 anos

63% estão na faixa dos 20 aos 29 anos

Herança educacional dos pais

26% tem o ensino fundamental incompleto

37% dos pais não frequentou a escola

10% possui o ensino fundamental completo

10% não informou

5% fez o ensino médio incompleto

Herança educacional das mães

5% das mães não frequentou a escola

5% tem o ensino fundamental completo

48% com o ensino fundamental incompleto

5% com o ensino médio incompleto

32% não frequentou a escola

5% não informou

Religiosidade

42% são católicas

5% são evangélicas neopentecostais

26% são evangélicas pentecostais

5% não pertencem a nenhuma religião.